

## A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE VANJA EM *AZUL-CORVO*, DE ADRIANA LISBOA

Camila Gonzatto da Silva\*

### Resumo:

O presente artigo analisa a relação da personagem protagonista, Vanja, do livro *Azul-Corvo* de Adriana Lisboa, com o espaço. A análise tem como base teorias contemporâneas relacionadas ao espaço e ao lugar, provenientes da geografia, antropologia e sociologia.

**Palavras-chave:** espaço, lugar, literatura, Azul-corvo.

“O ano começou em julho. O lugar era estranho. O suor corria por dentro, por trás da pele – eu suava e meu corpo continuava seco. Era como se o ar fosse duro, sólido, um ar de pedra.” (Lisboa, 2010, p. 11). Assim começa o romance *Azul-Corvo*, de Adriana Lisboa, publicado pela primeira vez em 2010 pela editora Rocco. A paisagem árida é a porta de entrada para um romance de formação sutil, porém denso, em que a aridez do Colorado e a umidade do Rio de Janeiro marcam a transição metafórica e real da infância para a vida adulta.

A narração é conduzida por Evangelina, ou Vanja, uma menina de 13 anos, que há um ano perdeu a mãe. Assim como o lugar a que foi, Colorado nos Estados Unidos, é estranho e desconhecido, ainda não exatamente um lugar afetivo para ela, sua idade também a colocava em um lugar de transição. “Eu tinha 13 anos. Ter 13 anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar no meio de lugar nenhum” (Lisboa, 2010, p. 11-12).

Aos 13 anos Vanja estava em Lakewood, um subúrbio de Denver, na casa de Fernando, um antigo namorado de sua mãe, que a registrou como filha, mesmo sem ser seu pai. Chegou lá apenas com uma mala, em que cabiam todas as coisas que julgava importantes. “Coloquei tudo o que era importante na mala e ao aprontá-la descobri como a categoria Importante é mole pra mim”, dizia Vanja com um amadurecimento prematuro ganho à força.

Vanja decidiu procurar Fernando, o ex-namorado de sua mãe e seu pai apenas de registro, quase um ano após a morte da mãe. Com uma família de poucos membros, Vanja vivia com a irmã de criação de sua mãe, Elisa, seu único elo familiar. Seus avós já haviam morrido. Vanja refazia um caminho parecido, apenas na rota – rumo aos Estados Unidos –

---

\* Camila Gonzatto da Silva é doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS. Fez o doutorado sanduíche na Freie Universität Berlin. Bolsista CNPq e DAAD. E-mail: camilags@gmail.com

que sua mãe também fizera com o seu avô, quando a sua avó morreu. Foi lá que Vanja nasceu, filha de um rápido afeto de sua mãe com um pai que jamais conheceu. E é atrás desse pai que ela decide viajar para o hemisfério norte. Não só dele, mas também em busca de um lugar no mundo.

Nessa jornada de Vanja rumo aos Estados Unidos e em busca do pai, o estranhamento e o embate com o espaço são recorrentes, como podemos perceber no início do romance, em citação já mencionada no começo deste texto. O objetivo deste artigo é justamente analisar como se dá a relação de Vanja com o espaço. O que proponho é que na narrativa há o trabalho com o espaço em dois níveis: o espaço real e o embate com o “engolimento” da paisagem; e o espaço metafórico, descrito a partir do ponto de vista subjetivo de Vanja, refletindo a geografia emocional da personagem.

Um bom exemplo da sensação de pequenez em relação ao espaço real pode ser lido no seguinte trecho:

Sozinha em casa, nas primeiras tardes, eu olhava pela janela e via a imensidão do céu cutucado pelas montanhas a oeste. Havia algum verde, sim, mas era tão pouco que para mim não contava. No meu entender, verde ou era exuberante e denso ou não era verde. Eu desconsiderava aquelas plantinhas raquíticas do deserto. As árvores na rua pareciam uma inutilidade, uma tentativa malsucedida de comprovar alguma coisa improvável, o ar as engolia, o espaço as engolia. (LISBOA, 2010, p.18)

A cidade de Lakewood é sempre comparada com o Rio de Janeiro, lugar que a protagonista viveu a maior parte de sua vida. A protagonista segue: “Antes eu estava habituada a caminhar por baixo das árvores. Atravessava as ruas estreitas e sujas de Copacabana e suas calçadas esbugalhadas com telhados de árvores presentes o ano inteiro. Agora, naquela cidade semiárida, as ruas eram largas e limpas e sem sombra” (Lisboa, 010, p.18). Na comparação entre as cidades, a questão do espaço metafórico fica evidente. Vanja se sente fora de seu contexto, não reconhece o lugar onde está nem se reconhece nesse lugar. A comparação torna claro esse sentimento de deslocamento e inadequação ao novo lugar, principalmente ao enfatizar a relação entre as árvores dos dois locais: frondosas no Rio de Janeiro e inúteis em Lakewood. Lakewood não é apenas diferente, é pior do que o lugar de origem, é o deserto semi-árido com verdes esqueléticos.

Como Vanja não se identifica com a nova cidade, coloca-se numa posição de distância em relação a Lakewood:

Lakewood, Colorado. Um lugar estranho. Mas eu não me incomodava com a sua estranheza, porque aquele subúrbio de Denver era, para mim,

um mero utilitário. (...) Estar ali era estar em trânsito, e não tínhamos qualquer relevância para a vida um do outro: nem eu para Lakewood, nem Lakewood para mim. (LISBOA, 2010, p.18)

E aqui pode-se começar a pensar na relação entre espaço e lugar. De acordo com Timm Cresswell, enquanto o conceito de espaço é mais amplo e mais abstrato, pode estar se referindo a espaços geométricos ou mesmo ao espaço sideral; o conceito de lugar, além de trabalhar com localização, está relacionado com a capacidade humana de produzir significado, sejam em lugares reais ou imaginários. (Cresswell, 2011, p.8)

Marc Augé (1994) faz uma diferenciação entre os lugares antropológicos, que seriam princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa; e os não-lugares, um espaço que justamente não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico. Seriam tanto as vias feitas para a circulação acelerada, como as rodovias expressas, trevos, aeroportos, quanto os próprios meios de transporte, os grandes centros comerciais e as ocupações provisórias – hotéis, terrenos invadidos, hospitais, clubes etc.

No início da narrativa, Vanja coloca Lakewood justamente como um lugar de transição, um não-lugar. Ao longo do texto, esse não-lugar vai transformando em lugar, acompanhando a transformação da identidade de Vanja<sup>19</sup>. Mas esse é um fenômeno que se dá paulatinamente. À princípio, o confronto com a aridez do Colorado aparece reiteradamente no texto:

Plana, lisa, seca, tediosa, poeirenta, uniforme, contínua, constante, chata, sem graça: essa seria a minha primeira impressão da planície nos meses por vir. O que existia ali era a ditadura do espaço, uma infinidade de chão para a direita, uma infinidade de montanhas para a esquerda, uma infinidade de céu encapotando tudo. (LISBOA, 2010, p. 22)

O impacto da exposição à amplitude dessa paisagem e à diferença em relação a cidade e ao mar do Rio de Janeiro coloca Vanja numa situação de desconforto e a faz repensar o seu lugar e seu tamanho em relação ao mundo.

Assim que saía da densidade bem comportada de downtown Denver, logo vinha aquela enorme solidão calcar tudo o que existia, carne, metal, folha,

---

<sup>19</sup> Ao fazer referência à transformação da identidade de Vanja, estou pensando em Stuart Hall, o qual afirma que as identidades não são fixas e estão em constante transformação. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, como cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (Hall, 2006, p. 13)

tronco, pedra. Uma solidão imposta pelo espaço. Uma solidão de átomos dispersos, de coisas em falta na prateleira do supermercado. Você perde um pouco a certeza de si mesmo quando confrontado com isso. (LISBOA, 2010, p. 23)

De acordo com Tim Cresswell (2002, p. 25), mais do que uma identificação *a priori* de identidade, o lugar é o material cru para a produção criativa de identidade. É justamente nesse confronto com esta nova paisagem ampla, “sem graça”, tediosa e solitária, que Vanja perde as certezas que tem de si e abre caminho para um novo encontro consigo mesma e com o mundo.

Voltando a Augé, o autor relativiza o binarismo lugar / não-lugar, afirmando que eles são intercambiáveis. Cresswell também trabalha em torno da contínua formação do lugar. Ele ressalta que os espaços não são apenas simples contextos, mas são produzidos ativamente pelo ato de mover-se. Para Cresswell (2002, p. 20), o lugar é construído a partir da prática, eles nunca estão completos, finalizados ou limitados, mas sempre em processo, “se tornando”.

O lugar é constituído através da prática social reiterada – o lugar é feito e refeito numa base diária. O lugar provê um template para a prática – um palco instável para a performance. Pensar no lugar como representado e praticado pode nos ajudar a pensar no espaço de maneiras radicalmente abertas e não-essencialistas, onde o lugar é constantemente disputado e re-imaginado de maneiras práticas<sup>20</sup>. (CRESSWELL, 2002, p. 25, tradução da autora)

Michel de Certeau é outro autor que trabalha com a ideia de lugar praticado. Para ele, os passos moldam espaços e tecem os lugares. Por isso, de acordo com Certeau, a motricidade dos pedestres forma um sistema cuja existência faz efetivamente a cidade (Certeau, 1994, p.163).

No romance, aos poucos, Vanja começa a circular pela cidade. Ela ganha um par de patins de Fernando e sai pela vizinhança. Ao andar pela cidade, a personagem ao mesmo tempo em que começa a conhecê-la e apropriar-se dela, passa a constitui-se como parte de seu emaranhado texto urbano.

Quando havia qualquer risco de nuvem no céu deixando o sol um pouquinho menos veemente eu saía de patins pela vizinhança. Um quarteirão a mais por dia. Alargando meu círculo de influência. Marcando meu território num território que não era meu, como um animal bem-intencionado e equivocado marcaria usando seus fluidos corporais.

---

<sup>20</sup> “Place is constituted through reiterative social practice – place is made and remade on a daily basis. Place provides a template for practice – an unstable stage for performance. Thinking of place as performed and practiced can help us think of place in radically open and non-essentialized ways where place is constantly struggled over and reimagined in practical ways”.

Fazendo isso por fazer. E as árvores sempre poucas, sempre baixas e minguadas, mesmo que não fossem, porque as ruas largas e os espaços vazios e o céu, feito deuses arrogantes, as obrigavam com o dedo em riste a murchar. (LISBOA, 2010, p. 20-21)

As descrições e julgamentos que Vanja faz da paisagem do Colorado estão, como já mencionado, sempre em comparação com o Rio de Janeiro, paisagem familiar, dos 80% de umidade (e não os 30% de Lakewood), da qual tem muitas lembranças afetivas. "Quando recuo no tempo, a sensação é a de ter nascido no Rio de Janeiro. Mais especificamente, na praia de Copacabana – ali mesmo, sobre a areia, entre os pombos e o lixo que os frequentadores da praia deixaram para trás" (Lisboa, 2010, p. 28). Como vimos até aqui, o Rio de Janeiro é sempre apresentado como o lugar do verde, das árvores frondosas, da umidade, onde a vida está sempre nascendo, brotando, o que a um certo ponto a protagonista chama de "o exagero dos trópicos". Já Lakewood é sempre esse espaço seco, árido, inapreensível, o lugar da "ditadura do espaço".

Com o final das férias de verão, Vanja começa a frequentar a escola e a se integrar à vida de Lakewood. Ela também faz amizade com um menino salvadorenho, Carlos, seu vizinho, que começa a frequentar a sua casa. O espaço e a paisagem passam a ficar, então, menos presentes no romance.

A paisagem volta a receber destaque novamente, quando o tempo muda, e aparecem as chuvas. "Mas contrariando todas as minhas expectativas e todos os indicativos no sentido de uma secura permanente, de um novo mundo cem por cento impune em sua rigidez desértica, começaram a aparecer umas chuvas, de vez em quando" (Lisboa, 2010, p. 38). O que acontece com a chuva, que surge molhando a terra e quebrando a aridez desértica, é o que acontece com a própria protagonista, que gradualmente vai se sentindo mais em casa, pertencendo ao lugar, e já não é mais tão surpreendida pela natureza do espaço em volta de si. Ou seja, a paisagem está sempre colocada como uma metáfora da situação de Vanja: ao adaptar-se a nova vida, Vanja se adapta também ao espaço que a cerca. E aqui poderíamos fazer referência ao *Emotional Turn* e às paisagens emocionais, um movimento teórico que procura entender a importância e a relação das emoções, entre outros, associadas à mediação sócio-espacial (Bondi; Davidson; Smith, 2007, p. 2-3). A visão que Vanja tem de Lakewood é mediada por sua geografia emocional, criando o nível metafórico do espaço apresentado no romance.

Gradualmente Vanja vai se dando conta de sua nova situação nos Estados Unidos e modificando sua relação com o Rio de Janeiro: "Um fenômeno curioso acontece quando você passa tempo demais longe de casa. A ideia do que seja essa casa – uma cidade, um

país – vai desbotando como uma imagem colorida exposta diariamente ao sol. Mas você não adquire logo outra imagem para pôr no lugar” (Lisboa, 2010, p. 70). Essa reflexão aparece permeada por outras em torno dos brasileiros exilados e a dúvida entre integrar-se inteiramente ou manter as raízes. Mais adiante, Vanja reconhece sua condição de transição – nesse momento Lakewood não é mais apenas um mero utilitário, começa a fazer parte de sua vida: “Depois que você passa tempo demais longe de casa, vira uma interseção entre dois conjuntos (...). Pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles (...) Você é algo híbrido e impuro. A interseção dos conjuntos não é um lugar” (Lisboa, 2010, p. 72). Note-se que a metáfora que a protagonista usa para narrar a sua situação, seu espaço de transição, é também relacionada a espaço/lugar, mesmo que seja de maneira negativa. Aqui Lakewood está, para Vanja, no momento alto de transição do não-lugar em lugar: Vanja, na cidade americana, encontra-se num entre-lugar. Logo a seguir irá admitir: “Depois percebi que a vida fora de casa é uma vida possível. Uma vida entre as muitas possíveis” (Lisboa, 2010, p. 72).

Uma nova ruptura da visão que Vanja tem de Lakewood, ocorre com a chegada da neve. Ela ganha um trenó de Fernando e os dois, junto com Carlos – vizinho salvadorenho –, vão às montanhas brincar na neve. Encasacada, com botas forradas, escorregando, caindo, “comendo” neve e se divertindo, pela primeira vez, Vanja afirma: “Eu agora era um deles” (Lisboa, 2010, p. 138).

Assim como uma nova identidade de Vanja começa a se formar, a transição do não-lugar ao lugar vai ficando cada vez mais clara, principalmente quando Vanja e Fernando viajam para o Novo México, em busca do pai de Vanja. É ainda uma situação de transição, mas já rumo a uma nova condição.

Existe algo de intermediário nos desertos. Muitos viajantes disseram isso. É como se eles não fossem destinações, mas caminhos apenas. Grandes paisagens inóspitas onde você não se demora, que você apenas percorre entre um e outro ponto mais afável do mapa. E no entanto pessoas viviam ali. Pessoas vivem nos desertos e nos ermos áridos e semiáridos do mundo. Nesses lugares entre parênteses. Onde todas as coisas – sons, distâncias – vão habitar outra semântica. Parece um gesto de desespero. Ou quem sabe um abandono. (LISBOA, 2010, p. 147)

Primeiramente, Vanja assumiu a possibilidade de uma vida fora de casa. Aqui, assume a possibilidade da vida no deserto ou, poderíamos também dizer, assume que o deserto tem vida, mesmo que seja um lugar entre parênteses. E essa percepção se dá na prática do lugar, quando embarca nessa *road-trip* com Fernando para encontrar seu

passado. Ao recolher fragmentos de memória da vida de sua mãe, de seu pai e de seus próprios primeiros anos de vida, o deserto se torna habitável.

Também é interessante notar, que as representações do espaço que aparecem nessa jornada rumo a redescoberta do passado e de seu pai são antigas, remendadas. Ao se prepararem para a viagem, Fernando revisita seus guardados de outros tempos. “Fernando abriu um mapa usado do Novo México e um mapa muito usado do Colorado sobre a mesa de jantar. Juntou-os na fronteira. De tão usados, as dobras estavam descoloridas e em alguns lugares já tinham rasgado. Ele me mostrou onde ficava Albuquerque” (Lisboa, 2010, p. 108).

E aos poucos, enquanto Vanja vai se acomodando a sua nova vida, a paisagem vai desaparecendo do texto, assim como as comparações com o Rio de Janeiro, cidade que apenas volta para figurar como um lugar no qual ela é visitante: “Voltei ao Rio de Janeiro uma vez, para visitar Elisa. As coisas estavam iguais e diferentes. (...) A cidade era mesma e não. A cidade era outra e não” (Lisboa, 2010, p. 214). Assim como Vanja, que era a mesma e não, era outra e não. Nessa transformação do lugar e de Vanja nesse lugar, a casa de Fernando torna-se também sua em substituição à casa carioca: “A casa de Fernando na Jay Street em Lakewood, Colorado, foi aos poucos se tornando a minha casa também, por hábito. Por costume. Por osmose” (Lisboa, 2010, p. 215).

Ao final, Vanja opta por recriar sua vida em Lakewood.

Os invernos se tornaram os meus invernos e os verões, os meus verões. Por assim dizer. As estações intermediárias deixaram de ser luxo e viraram, no outono, o ancinho que eu pego para varrer as folhas da frente de casa e, na primavera, a flor que desponta, na frente de casa, onde eu podia jurar que nada teria sobrevivido às nevascas – e a flor desponta mesmo que eu não cuide do jardim. (LISBOA, 2010, p. 215-216)

Vanja também sobreviveu às nevascas e novamente despontou. A metáfora com o espaço e a paisagem segue até o final da narrativa.

## Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc (1994). *Não-lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Editora Papirus.

BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick (Ed.) (2007). *Emotional Geographies*. Hampshire: Ashgate.

CERTEAU, Michel (1994). *A invenção do cotidiano – 1. artes de fazer*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

CRESSWELL, Tim. *Place: a short introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

CRESSWELL, Tim; MERRIMAN, Peter. “Introduction: Geographies of mobilities – practices, spaces, subjects”. In: CRESSWELL, Tim; MERRIMAN, Peter (ed.). *Geographies of mobilities: practices, spaces, subjects*. Farnham: Ashgate, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LISBOA, Adriana (2010). *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco.